

20 SET 1990  
JORNAL DE BRASÍLIA

DF - MUSEU

# Presente de grego

MAB não consegue preservar acervo e é promessa de risco para aquisições do Prêmio Brasília

CARMEM MORETZSOHN

O prédio que abriga o MAB — Museu de Arte de Brasília — necessita, urgentemente, de reformas, não é novidade para ninguém. Suas paredes, suas peças, suas esquadrias, sem conseguir esconder a idade, revelam a ação do tempo. Mas, agora, alguns passos estão sendo dados no sentido de virar o jongo a favor da arte. De antemão, a gestão Cotrim avisa: esforços estão sendo feitos para economizar ao máximo a verba do Prêmio Brasília de Artes Plásticas 1990, de forma a que sobre um montante a ser aplicado no MAB. É claro que isso ainda é muito pouco.

Desde que o antigo salão de baile passou a acolher o Museu de Arte de Brasília, em 1985, o local sofre com infiltrações. Basta haver uma chuva mais pesada na cidade que o térreo do prédio fica logo alagado. Quem mais sofre com isso são as obras do acervo do Museu. Algumas, inclusive, encontram-se já em avançado estado de deterioração. Exemplos são as telas de João Câmara Júnior e Rubem Valentim. O trabalho de Valentim, um dos mais importantes de sua carreira, realizado em 1972, apresenta manchas visíveis e está entre os que correm risco de vida.

Atualmente, o acervo do Museu de Arte de Brasília inclui, aproximadamente 300 peças, entre uma boa coleção de gravuras e cerca de 120 pinturas e esculturas. Pelo menos dez destas obras gritam por socorro. Entre elas, telas de Arcângelo Ianelli e de Tomie Ohtake. É de fazer chorar qualquer amante das artes. Este não é um fato novo. Seguidas administrações do Museu elaboraram documentos pedindo complementação de recursos para sua reforma do local. Nunca foram atendidas. O que não é de se estranhar numa cidade em que a iniciativa privada corre ao largo da cultura.

Agora, o GDF conseguiu liberar uma verba equivalente a Cr\$ 15 milhões para a realização do Prêmio Brasília de Artes Plásticas 1990, marcado para começar dia 18 de outubro. Só que o júri escolhido para selecionar os artistas inscritos (e convidar outros 20 que comporão a mostra) ficou tão impressionado com as condições do MAB, que pediu no mesmo documento que indicava os eleitos, reformas urgentes e reequipamento do Museu. A equipe do Secretário de Cultura Márcio Cotrim decidiu, então, gastar o mínimo possível com o Prêmio, na tentativa de conseguir ao menos um pouco de dinheiro para investir no MAB. Pelos cálculos do assessor Cláudio Telles, sobrará, por alto, cinco mil dólares, que serão aplicados no Museu.

Paralelamente, Cláudio Telles, responsável pela área de artes plásticas na atual gestão, tenta conseguir, também, algum apoio da iniciativa privada. É certo que não há sentimento de derrota. É certo, também, que a esperança mostra sinais de cansaço. "Tentar conseguir recursos com a iniciativa privada é uma coisa, conseguilos de fato é outra. Não aguento mais tratar com o empresariado e não conseguir nada. Para o Prêmio Brasília mesmo nós procuramos a iniciativa privada e não alcançamos qualquer apoio. Ela não se interessou. Mas ainda há tempo", avisa Cláudio Telles.

Orçar o total de recursos necessários para deixar o prédio do MAB em perfeitas condições de uso é tarefa árdua. O local necessita de um trabalho minucioso que começa com a substituição das esquadrias e termina na impermeabilização do prédio e da lage superior, sem contar a restauração das peças já estragadas. No entanto, por incrível que possa parecer, o MAB é, hoje, o único museu do País a desenvolver uma política de aquisição de peças para o acervo.



Detalhe da obra de João Câmara, de 1968, danificada pelo descaso: o próprio artista quer fazer a restauração da tela

Uma das metas do Prêmio Brasília de Artes Plásticas.

Mesmo estando na administração há pouco tempo, a equipe de Cotrim já levantou as mangas e começou a executar alguns trabalhos básicos.

Numa primeira vistoria feita em seguida à posse, Márcio Cotrim e Sônia Moura, diretora executiva da Fundação Cultural, constataram que a reserva técnica do Museu não tinha condições técnicas — parece impossível mas é verdade. Os quadros ficavam estocados de forma precária, o que, de certa forma, acelerava o processo de deterioração. Imediatamente, foi dada a ordem para a elaboração de treinéis, um sistema de gaiolas que serve para armazenar quadros, pelo departamento de carpintaria da Fundação Cultural do Distrito Federal. O trabalho está em fase avançada e, em um ou dois meses, deverá estar sendo instalado no MAB.

A parte hidráulica também recebeu um tratamento emergencial. Alguns canos que estavam soltando

água constantemente foram substituídos. E mesmo a parte visual foi lembrada. Os tapetes do térreo e do subsolo foram trocados, ganhando um tom mais harmônico com relação ao prédio.

No entanto, todas estas obras até pouco significativas se colocadas ao lado das reformas necessárias — e muito mais dispendiosas, como o trabalho de impermeabilização. "Esta será uma obra extensa, pois é preciso tirar toda a terra em torno do museu para impermeabilizar as paredes do subsolo. Depois, recolocar toda a terra novamente. Também será necessário criar um sistema de acesso à laje para que se possa subir para limpar as calhas", explica Cláudio Telles. Mas o que pode parecer um monstro, para uma empresa construtora é água com açúcar. "As construtoras estão acostumadas a trabalhar com este tipo de coisa e tirariam de letra toda esta reforma".

A ação a ser desenvolvida no prédio do Museu de Arte de Brasília não

termina com uma reforma. É preciso um trabalho de manutenção e substituição de grande parte das esquadrias, apodrecidas e comprometidas pelas chuvas. Diz Telles: "Existe uma área grande, de uns 150 metros quadrados, no segundo pavimento, que ainda tem a estrutura da cozinha que funcionava na casa de baile. Tudo azulejado. Esta sala precisa ser adaptada para uso museológico".

Idéias para o reequipamento do Museu não faltam. Existem propostas no sentido de criar um auditório e uma sala de exposição no subsolo. Uma comissão criada para estudar a situação do prédio e sua correta utilização — integrada por Leda Watson, pelo arquiteto Jeanito, da Novacap, e por um representante da comunidade da Vila Planalto — apontou ainda como necessidade básica a criação de um outro tipo de acesso ao subsolo, uma escada mais prática e mais condizente com a função do local. "A atual parece de serviço", fala Cláudio. E há o projeto de transformar a

rampa (antes utilizada como acesso de caminhões ao restaurante da casa de baile) numa pequena galeria, ideal para exposições mais intimistas.

Todas estas propostas, no entanto, não têm como sair do papel por falta de verbas. Possivelmente, se houver interesse da iniciativa privada ou mesmo se for aberta uma brecha para suplementação de recursos vindos do GDF, a gestão Cotrim terá terminado seus dias. Por isso, a equipe do secretário de Cultura elabora um documento contendo todas as reformas necessárias. Tudo detalhado, mastigado mesmo, para quem entrar. De quebra, os novos administradores ainda receberão mais 50 peças novas para o acervo, integradas a partir do Prêmio Brasília de Artes Plásticas 1990 — o que, nas atuais condições, pode parecer presente de grego. Cada artista participante deixará uma obra nas paredes — nem tão confiáveis, pelo menos por enquanto — do MAB. Aos artistas resta rezar para não chover.

## Solução é investimento

A restauração das dez peças deterioradas no acervo do Museu de Arte de Brasília foi orçada pelo diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Marcus Lontra, em 10 mil dólares. Lontra conhece de perto os problemas do MAB: foi assessor de artes plásticas da última gestão da Secretaria de Cultura do Distrito Federal e ex-diretor do MAM/DF. Também integrou o júri que selecionou os artistas que vão participar do Prêmio Brasília de Artes Plásticas 1990.

"Não é muito caro pagar uma restauração de qualidade, principalmente porque os trabalhos não têm grandes dimensões", alerta Marcus Lontra. No MAM/RJ, ele luta para conseguir recursos para restaurar uma obra do francês Mathieu, de oito por quatro metros, orçada em oito mil dólares. Por isso, os dois mil dólares necessários para a restauração da tela de Rubem Valentim podem parecer irrisórios.

Praticamente todas as peças do acervo do Museu de Arte de Brasília passaram a integrar o acervo como pagamento pela utilização de espaços da Fundação Cultural do Distrito Federal. Ao invés de pagarem os 20% devidos à Fundação, os artistas doavam uma ou mais de suas obras que eram logo incorporadas à coleção do Museu. Isto vem acontecendo há muitos anos, antes mesmo de o MAB ter uma sede própria.

Dentre as peças que pedem socorro, duas delas podem significar a perda de milhares de dólares. A tela do pernambucano João Câmara, por exemplo, está avaliada em 20 mil dólares ("Talvez até mais", segundo Cláudio Telles). Trata-se de um quadro realizado em 1968, integrante de uma série que denunciava os abusos do regime militar. Além do valor artístico, possui enorme valor histórico. Mas o próprio artista já se dispôs a vir a Brasília trabalhar na restauração da peça. "Nós só teríamos que pagar as passagens e a hospedagem" — diz Telles. "Ele se propôs a fazer este trabalho de graça".

Já o quadro de Rubem Valentim não teve a mesma sorte. E nem poderia. Mesmo que o artista se dispusesse a retrabalhar a obra, ele não conseguiria recuperar tudo, apagar o estrago. A tela de Valentim, avaliada em 10 mil dólares, recebeu já uma restauração feita há alguns anos. Só que o trabalho foi tão mal feito que agora será preciso retirá-lo para, novamente, tentar recuperar o quadro.

Para evitar que aconteça uma nova barbeiragem no trabalho de restauração, tanto Marcus Lontra quanto Cláudio Telles confirmam o nome da restauradora Miriam Cardoso. "Ela é a melhor de Brasília. Realiza um trabalho impecável e é a única que tem capacidade para recuperar estas obras", enfatiza Lontra. Telles apresenta outra alternativa: José Roberto Furquim, restaurador, marido da artista plástica Sônia Paiva. Só que todos estes projetos provavelmente não poderão acontecer com apenas os cinco mil dólares que sobraram do Prêmio Brasília de Artes Plásticas 1990. No entanto, o assessor Cláudio Telles já encorajou orçamento total à equipe de Miriam Cardoso. Promete levar o trabalho adiante.